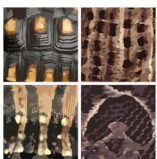


Setembro 2024

Herpetologia Brasileira



SBH
SOCIEDADE BRASILEIRA DE
HERPETOLOGIA

volume 13 número 1
ISSN: 2316-4670

Resenhas

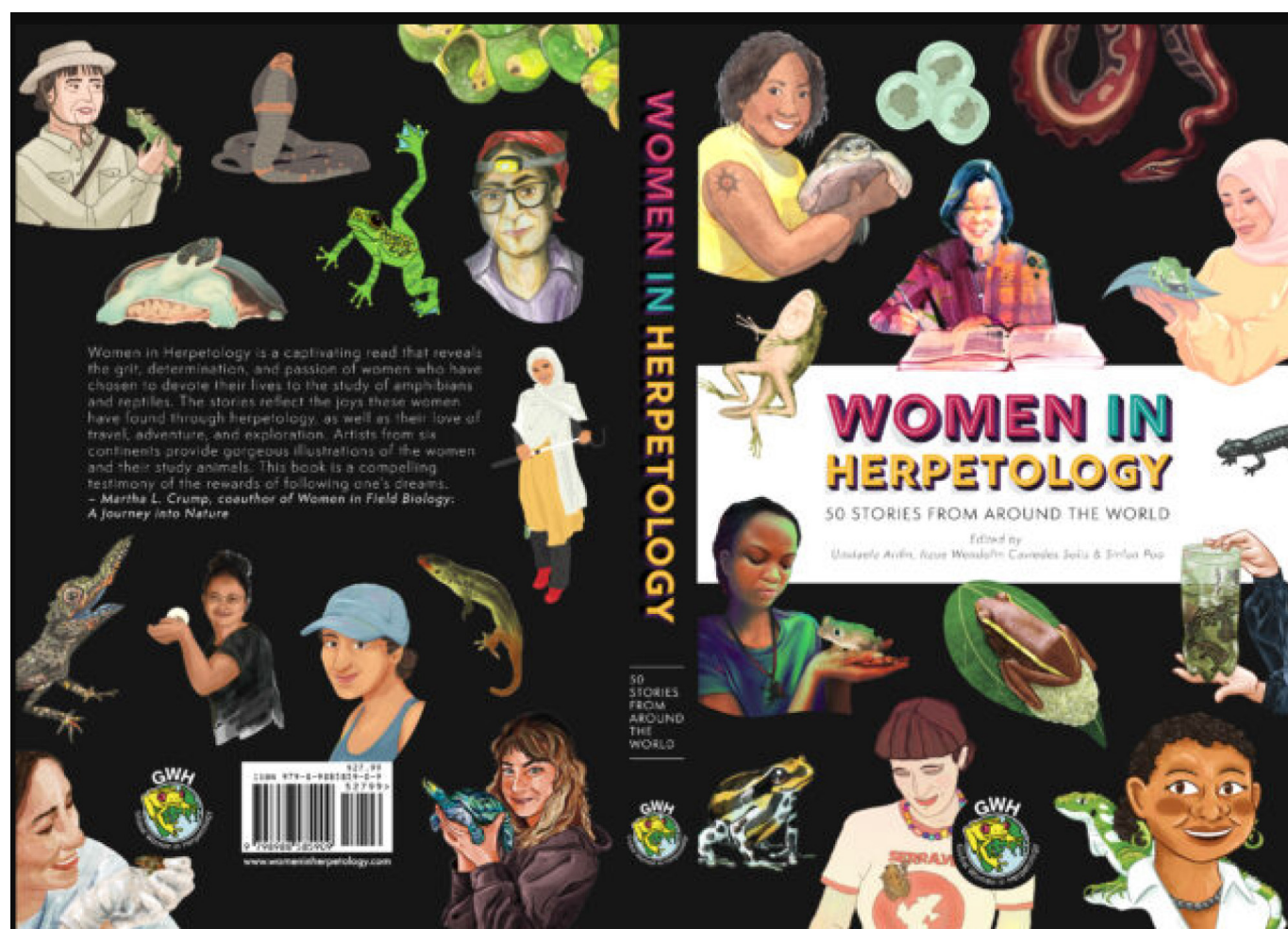
Arifin U., Solis I.W.C., Poo S. (Eds.). 2021. *Women in Herpetology. 50 Stories from Around the World*. Global Women in Herpetology (GWH).

Ana Carolina Calijorne Lourenço¹, Maria Alícia Lemes de Oliveira

Universidade do Estado de Minas Gerais, Departamento de Ciências Biológicas, Campus Ubá, 36502-000 Ubá, MG, Brasil

1 Autor correspondente E-mail: ana.calijorne@uemg.br

DOI: [10.5281/zenodo.13308077](https://doi.org/10.5281/zenodo.13308077)



A inclusão feminina no STEM (*Science, Technology, Engineering, Arts and Mathematics*) é um assunto que vem crescendo e tomando força nos espaços dedicados às discussões sobre estudos na herpetologia, como congressos, veículos de divulgação científica e conversas promovidas nas redes sociais. Neste sentido, o livro *Global Woman in Herpetology* se apresenta como uma obra que pretende contribuir para a diversidade de experiências e pensamentos, dando voz às mulheres no campo da herpetologia. Já no prefácio, as três editoras do livro deixam claro que a obra é uma oportunidade de renovação histórica e de rompimento de fronteiras. Isto acontece porque, quando pensamos na noção de pertencimento, que ainda nos escapa a todos, ao nos oferecer as desafiadoras biografias de herpetólogas de diferentes partes do mundo, o livro acaba trazendo à luz uma preciosa amostra da dívida histórica que a sociedade científica tem com as mulheres.

As narrativas, que nos emocionam ao longo do livro, fornecem uma descrição abrangente e envolvente de mulheres trabalhando em diversas disciplinas da Herpetologia, como ecologia, biologia da conservação, produção de fármacos e biologia evolutiva. É possível perceber a magnitude da influência das cientistas neste campo do saber, na medida em que as editoras contam sobre a dificuldade de selecionar mulhe-

res diante da vastidão de contribuições de peso que vieram à tona ao longo de suas buscas. O que é um contrassenso impressionante se pensarmos que os estudantes, de maneira geral, ainda não elegeram ou elegem mulheres herpetólogas como ícones inspiradores em suas carreiras.

Ao todo, o livro traz 50 autobiografias de mulheres representantes de todas as regiões do planeta, abordando suas trajetórias, contribuições e motivações no campo da herpetologia. Além delas, o livro tem a participação de 17 ilustradoras femininas que produziram verdadeiras obras de arte capazes de encher os olhos do leitor e que proporcionam um maior adentrar nas paisagens descritas. Assim, este livro é, não de forma despropositada, uma combinação de expoentes femininos na ciência e na arte.

As diferentes histórias são abrangentes e variadas, mas apresentam um forte caráter unificador revelado pelas dificuldades que cada uma delas enfrentou para conquistar espaços e ter sua voz e resultados de suas pesquisas ouvidos. Os desafios dessas mulheres não são únicos, na medida em que nós cientistas nos identificamos, em alguma instância, com cada um dos relatos. Este é um propósito claro do livro: passar a noção de pertencimento, mais claramente, a percepção de que não somos poucas no meio acadêmico, mesmo com todo impedimento que nos é imposto.

Cada capítulo do livro analisa o contexto histórico do trabalho dessas mulheres herpetólogas, bem como explora as barreiras que elas enfrentaram e, por isso, caberia um livro para cada trajetória em si. No final de cada relato, há informações pessoais de cada cientista, como um resumo sobre a formação, animais de interesse e curiosidades de cada uma delas. Além disso, algumas destas cientistas relatam como superaram e superam, ainda hoje, as inúmeras adversidades, desde pioneiras em suas áreas, estudando animais muitas vezes de difícil compreensão e acesso, até ativistas na luta pela igualdade de gênero na ciência. Entretanto, é importante dizer que, por mais que durante as narrativas, encontramos descrições claras de momentos de dificuldades e dores, o livro é tomado, em sua maior parte, por experiências divertidas, inusitadas e prósperas, o que torna a leitura extremamente prazerosa e ilustrativa da resiliência das mulheres.

Esta resenha não tem como objetivo apenas contar um pouco sobre as nossas impressões ao lermos o livro, mas também é um chamamento para a sua leitura. Não só de jovens herpetólogas que carecem de representatividade e que possam encontrar uma poderosa motivação nele, mas de todos nós cientistas de carreira, inclusive os homens. Assim, apesar de já um pouco incrédulas, ainda mantemos a nossa esperança de que leitores homens não serão pou-

cos. Conhecer o livro é importante, tanto pelo fato do conteúdo ser fascinante e prazeroso, quanto por entendermos isso como uma obrigação de todos nós na busca por conhecer as mulheres que construíram e constroem as bases teóricas que nos impulsionam, permeiam e auxiliam os nossos estudos.

Impossível também não chamar a atenção para o fato de que os lucros do livro serão destinados ao financiamento de bolsas de estudos para estudantes do sexo feminino de áreas menos representadas em encontros científicos de herpetologia. O intuito final é permitir que essas cientistas criem sua noção de pertencimento nesses espaços.

Sobre algumas das 50 mulheres

Embora dê vontade de fazê-lo, seria uma tarefa hercúlea e improdutiva descrever aqui todas as 50 mulheres retratadas. Passamos então a descrever algumas que, por um agregado de motivos, nos chamaram mais a atenção.

A primeira delas e, talvez, uma das mais importantes no sentido do pioneirismo, é a chinesa Changyuan Ye (pág. 66). Ela se destaca por ser uma verdadeira expoente na descrição da herpetofauna chinesa a partir dos anos 60 e, de certa forma, em toda a herpetologia oriental. Ao descrever os seus desafios como a única mulher de uma equipe de traba-

lhós de campo, que tinha a desafiadora missão de desvendar a herpetofauna de uma China com problemas sociais e econômicos graves, Ye nos inspirou profundamente. Confessamos, com certa vergonha, que apesar de conhecermos alguns de seus trabalhos, ainda não havíamos atentado para o fato de que estes trabalhos eram assinados por uma mulher. Apesar de inúmeras adversidades, esta pesquisadora acumulou conhecimentos importantíssimos. Seus dados, resultantes de um esforço de décadas, foram distribuídos formalmente em mais de 200 trabalhos, entre artigos completos, atlas, livros, capítulos de livro e chaves ilustradas sobre a fauna da China. A maioria destes trabalhos ela credita à produtiva parceria com o cientista Fei Liang, seu marido. Nestas publicações, ela descreveu 72 novas espécies de anfíbios, entre anuros e salamandras. Seu esforço parece ter sido inspirado em um antigo provérbio chinês que ela mesmo cita durante o relato (pág. 70) – “*hard work is never wasted*”. Para quem ainda não tinha ouvido falar dela, podemos dar uma ideia mais precisa de sua importância na herpetologia mundial, informando que Changyuan Ye nomeou uma nova família e 24 gêneros de anfíbios, muitos deles polêmicos para a época “pré-revolução molecular”, mas que foram corroborados mais tarde. A nova família, por exemplo, foi descrita em um trabalho de revisão taxonômica do gênero *Rana*, publicado no livro *Fauna*

Sinica Amphibian (Fei et al., 2006; Fei et al., 2009a, b). Naquele livro, junto com outros co-autores, algumas espécies foram separadas do gênero *Rana*, sendo assim descritos oito novos gêneros. Seu prestígio na área veio também em forma de homenagens. O gênero *Yerana* (hoje sinônimo de *Quasipaa*) foi descrito em sua homenagem, além também de várias espécies de anfíbios, como *Quasipaa yei* (Chen, Qu & Jiang, 2002), *Leptobranchella yeae* Shi, Hou, Song, Jiang & Wang, 2021 e *Jingophrys yeae* (Shi, Zhang, Xie, Jiang, Liu, Ding, Luan & Wang, 2020).

Por outro lado, uma das histórias que mais nos comoveu durante a leitura foi a da ugandesa Kakai Doreen Beatrice, acompanhada por talvez a mais bela ilustração do livro (pág. 50). Se fosse preciso resumir sua narrativa em apenas uma palavra, escolheríamos “esperança”. Com apenas 16 anos, bióloga de coração, ela começou a se interessar pelas serpentes e, com muitas dificuldades, buscou se aprimorar na área, rompendo estereótipos e a escassez de oportunidades de estudo da região onde mora. Apesar disso, ela persegue com determinação, até hoje, o sonho de desmistificar as crenças que envolvem estes animais, além de se dedicar ao manejo de serpentes em uma região devastada por problemas econômicos.

Turismóloga de formação, Kakai não é graduada em áreas relacionadas

à biologia. Entretanto, movida pela curiosidade e paixão, agarrou todas as oportunidades que lhe apareceram, participando de diversos cursos e treinamentos dos únicos especialistas locais. Tantas experiências e certificações, permitiram que ela se tornasse especialista em manejo e conservação de serpentes e que, hoje, trabalhasse em diversas instituições voltadas para esse fim, como *Snakes Uganda Limited*, *Chief Operations Officer* e *Herps and Wildlife Conservartion Africa*. Assim, com pouquíssimo apoio de qualquer ordem, desde financeiro até emocional, Kakai não desiste de levar conhecimento às outras pessoas com treinamentos e pela destruição de preconceitos, contribuindo para a saúde dos povos de Uganda e para a conservação da natureza.

A narrativa desta inspiradora mulher termina com um emocionante desabafo que transcrevemos em tradução livre (pág. 54): “Neste momento, ainda enfrento alguns desafios, como enormes custos de materiais, equipamentos de proteção e tratamento de picadas de cobra. De alguma forma, também perdi meu relacionamento com alguns amigos e familiares que têm medo de se relacionar comigo por causa do medo de cobras e de preconceitos. Mas apesar de tudo isso, sinto que continuo crescendo na minha carreira, fato que me dá satisfação e felicidade”.

Por motivos óbvios, não poderíamos deixar de falar também da nossa representante brasileira (pág. 298). A veterinária Camila R. Ferrara, especialista em cágados, possui contribuições extremamente importantes para a conservação deste grupo animal que é, de certo, pouco conhecida por muitos de nós herpetólogos.

Ao buscar compreender sobre os processos de nidificação das tartarugas de água doce, Camila se tornou uma expoente na área da conservação, pois trouxe informações importantíssimas que são usadas em projetos de conservação deste grupo de animais. Atualmente ela trabalha como especialista na *Wildlife Conservation Society, Brazil*, onde tem como principal anseio criar uma área de proteção binacional (Brasil-Bolívia) para os cágados. O trecho que mais nos impressionou foi o seguinte relato em tradução livre (pág. 302): “Na Amazônia, os desafios para estudar tartarugas é duplo, não apenas porque sou mulher, mas também porque é muito caro, as distâncias entre as localidades são enormes e o acesso a muitos lugares ainda é muito difícil.”

Um relato com o qual muito nos identificamos é o da malaia Nohayati Ahmad (pág. 96). Seu interesse pela herpetologia começou na graduação, na Universiti kebangsaan Malaysia, onde teve a primeira oportunidade de estar em campo com herpetólogos experientes.

Em seu primeiro campo, precisou enfrentar o desafio de encarar um trabalho noturno e tocar pela primeira vez em um anuro. Ahmad conta que teve que se conter para não se expor na frente dos outros, mas que foi assim que percebeu que os sapos não eram asquerosos, contrariando as crenças populares que povoavam a sua mente até então. A partir desta primeira experiência, ela perseguiu seu sonho de se estabelecer na carreira acadêmica. Assim como ela, nossa identificação com os anfíbios não foi amor à primeira vista, mas após a primeira aventura no mato, à noite, observando as diversas vocalizações de anuros, um caminho de paixão e curiosidade sem volta foi iniciado. Sua pós-graduação foi também de extrema importância para pavimentar sua carreira, pois foi quando surgiu a oportunidade de se vincular a um laboratório na Cambridge University, o início de sua carreira internacional. Deste modo, ela adquiriu experiência e destaque na biologia da conservação e ecologia comportamental. Hoje, atuando como professora no departamento de Ciência Biológicas e Biotecnologia da Universiti Kebangsaan Malaysia (UKM), ela relata enorme dificuldade em encontrar alunos, em especial mulheres e colaboradoras nos projetos que desenvolve, um sentimento que também compartilhamos. Em seu relato, ela nos conta que este desinteresse é fomentado pelos preconceitos e medos que envolvem o estudo de anfíbios e répteis. Por este

motivo, seus principais projetos perseguem dois objetivos principais: educação ambiental e conservação.

Nesse contexto, a Professora Ahmad esteve envolvida por dez anos em um programa internacional que visa conciliar a sustentabilidade de áreas tropicais com a promoção de mobilidade estudantil (*Global Mobility Student Programme*). Além disso, a experiência com temas relativos à ciência básica, como a investigação da biodiversidade e a educação ambiental, somado ao seu anseio por atuar na conservação, garantiu que ela diversificasse seu conhecimento e capacidade de atuação. Ahmad passou então a atuar em geoparques e estudar geologia, a fim de aumentar sua compreensão sobre conservação integrada ao patrimônio natural e cultural. Atualmente, atua em uma equipe multidisciplinar que tem a missão de estabelecer geoparques nacionais e internacionais junto à UNESCO. Em seu relato, destacamos um trecho emocionante e de extrema identificação para nós, que diz respeito à sua paixão por lecionar e por cativar seus alunos, onde ela conta que (pág. 97): “Eu me esforço para chamar a atenção dos meus alunos nas aulas. Meu princípio de ensino é bastante simples: se eu conseguisse que pelo menos um aluno da minha turma se envolvesse totalmente na minha palestra, isso seria suficiente para mim. Assim, me esforço para ser contagiante nas aulas por meio de minha paixão

por ensinar.” Parece que seu objetivo tem sido alcançado, porque a professora foi homenageada por seus alunos em 2010, quando nomearam uma perereca da família Rhacophoridae com seu nome (*Rhacophorus norhayatiae* Chan & Grismer, 2010)

Sobre as editoras

Em entrevista cedida para o site do *Leibniz Institute for the Analysis of Biodiversity Change* (Lib, 2023), a organizadora principal do livro, Umilaela Arifin da Indonésia, conta que a ideia da produção do livro surgiu a partir de inúmeros pedidos que seus colegas de trabalho direcionaram a ela, por considerarem sua carreira fascinante e inspiradora. Inicialmente, ela se mostrou relutante em escrever sua própria trajetória, por receio de parecer pretensiosa ou pouco atraente. Posteriormente, durante o 9º Congresso Mundial de Herpetologia, sediado na Nova Zelândia, em 2020, Umilaela compartilhou com Itzue W. Caviedes, uma pesquisadora mexicana, sua ideia de compilar, em um livro, diversos relatos de mulheres de todo o mundo. Elas já haviam estabelecido contato e amizade no congresso mundial anterior e se animaram com a ideia. Elas convidaram então Sinlan Poo, de Taiwan, colega de longa data de Umilaela, e logo começaram a se reunir virtualmente para planejar o livro.

Não surpreendentemente, as autobiografias das três editoras figuram entre as mais interessantes e motivadoras do livro. Umilaela, por exemplo, relata de forma poética a transformação pela qual passou ao estudar larvas de anuros (pág. 84). Ela criou o termo “meta-morfo-me” para explicar o processo de mudanças pessoais e profissionais que a tornaram herpetóloga. Ao olhar para trás, ela se diz incrédula sobre sua própria história. Uma menina que, nascendo em uma pequena vila no interior da Indonésia, teve a bravura de se aventurar, durante sua formação, por mais de 33 países em todos os continentes do planeta. Ela conta que cresceu com aquela imagem típica de um cientista na cabeça e que também nutria certo nojo e medo pelos animais que viria a estudar, assim como a maioria das pessoas do seu país. Sobre sua incredulidade em relação à própria história, ela a relaciona uma série de golpes de sorte, os eventos que permitiram que ela formasse um olhar muito particular sobre o mundo. O primeiro dos golpes de sorte foi o privilégio de ter nascido em uma família cujos pais valorizavam o estudo e que pudessem financiar sua graduação em biologia, mesmo não sendo uma família com boas condições financeiras. A própria escolha da Biologia pode ser considerada um desses eventos de sorte. Essa não era considerada uma carreira com possibilidades prósperas, especialmente por seus pais. Entretanto, Umilaela insistiu nes-

te caminho por considerar que, de certa forma, seria a maneira mais rápida de começar a trabalhar e de conseguir devolver os investimentos de seus pais em si. Em 2004, quase no fim da graduação, recebeu o convite para se juntar a uma equipe liderada pelo proeminente herpetólogo Djoko Iskandar (que conheceu através de amigos) para uma expedição na ilha Sulawesi, Indonésia. Até então ela se interessava por plantas e a sua participação naquele que seria um pontapé inicial na sua carreira na herpetologia não seria fácil. Antes de tudo, Umilaela precisaria da permissão de seu pai para se juntar a um grupo masculino, inclusive com integrantes estrangeiros. Ela relata que essa dificuldade de convencimento vinha do dilema clássico de um pai asiático tentando entender por que sua única filha queria se juntar a um grupo de homens para estudar algo que as pessoas acreditam ser sem importância.

Todo o esforço valeu a pena. Ela conta que ao final de três meses de trabalhos de campo, havia perdido o medo de tocar nos animais e estava se sentindo mais à vontade em estar na floresta, à noite, rodeada por homens. Mais importante, descobriu sua paixão, não apenas pela herpetofauna, mas pela biodiversidade. Umilaela, assim, adquiriu determinação para buscar seu título de doutora na Alemanha, mesmo precisando deixar sua família para trás e enfrentando as dificuldades de

ser uma mulher vivendo em um país de cultura completamente diferente.

Em seu relato, ela deixa claro sempre que quando se sente desmotivada, se lembra das dificuldades daquela primeira expedição e de como isso a transformou. Hoje, Umilaela desenvolve seu pós-doutorado em um programa conhecido como *Marie Curie Postdoctoral Researcher* no Leibniz Institute, sediado no Museum of Vertebrate Zoology, na University of California. Ela não tem ideia do que o futuro lhe reserva, mas carrega consigo a ideia de que precisa embarcar e aproveitar a jornada de “metamorfosar-se” diante dos desafios.

Por outro lado, a segunda editora do livro, Itzue W. Caviedes, relata um caminho de apoio familiar que pavimentou seu engajamento na ciência (pág. 266). Consideramos que seu relato é um dos mais fortes e lúcidos no sentido da consciência de gênero e de classe, assim como nos fica claro como sua criação contribuiu para a pavimentação desta noção. O título escolhido para seu capítulo - *Cravado em minha alma* - ilustra muito bem esta autopercepção. Mexicana obstinada, de forma profundamente poética e inspiradora, descreve seu caminho até se tornar professora assistente na Swarthmore College, na Pensilvânia, EUA, dividindo sua história em quatro tópicos – dor, amor, admiração e resiliência.

Na sua primeira fase de vida, que ela denomina de “dor”, Itzue foi profundamente impactada pelos ensinamentos do pai. Apesar do seu falecimento precoce, quando Itzue somava apenas sete anos de vida, ele criou memórias que carrega como um pedaço de si. Militante fervoroso pelas causas sociais, seu pai era filiado do sindicato dos trabalhadores, e lhe ensinou músicas revolucionárias e idealistas e mantinha um quadro no Che Guevara na sala de casa. Nessa atmosfera de luta por direitos e justiça social, ele transmitia a ela que o conhecimento deveria ser sempre a sua prioridade. Mesmo em seu leito de morte, não se eximiu de aconselhar uma última vez “Reivindique quando tiver razão”. Assim, ela carrega consigo a noção de liberdade e potência. Ademais, toda a sua família parece carregar consigo a veia questionadora e compassiva pelas causas humanitárias. Durante toda a sua infância, fase do relato que ela denomina de “amor”, ela vivenciou momentos acolhedores com seus avós maternos e sua mãe. Seu avô, um fazendeiro e líder sindical, transmitiu a ela valores extremamente importantes para que ela se tornasse resiliente diante dos desafios de uma carreira acadêmica. A casa dos avós era uma habitação simples de campo, onde ela pôde povoar sua imaginação infantil e ouvir conselhos como “vá à universidade não apenas para garantir uma boa vida, mas para também estudar o que ama”. Sua mãe e avó eram, claramente,

mulheres independentes e livres, atuando em profissões que elas escolheram por paixão. A avó chefiava uma das cozinhas mais requisitadas da região e a mãe foi, por 30 anos, professora de história apaixonada por lecionar. Ambas a inspiraram nos momentos desafiadores através das lembranças das vidas que elas trilharam e da frase que sempre diziam “você pode tudo”.

Itzue decidiu cursar biologia inspirada em outra figura importante de sua história, um professor da escola que era apaixonado por biologia e divulgação científica. Nesta fase de sua vida, intitulada por ela de “admiração”, nasce sua paixão pelas ciências biológicas logo no início da graduação, quando pode perceber o mundo vivo com mais profundidade e detalhes. Mas, o que mais a encantou foi o trabalho de campo, quando foi fisgada pela perereca *Sarcohyla pentheter* (Adler, 1965). Foi assim que decidiu seguir sua carreira estudando anfíbios em outro país, os EUA.

Neste novo momento de sua história, nomeado de “resiliência”, ela enfrentou talvez seus maiores desafios. Se desenvolver na pós-graduação sendo uma mulher estrangeira, com raça e situação econômica incomuns naquele país, exigiu que ela resgatasse aquilo que estava impregnado em sua alma – força e resistência. Em sua volta, quase não observava mulheres ou colegas de

trabalho com origem parecida e com quem poderia se identificar. Com frequência ouvia frases como “mulheres não são boas em trabalhos de campo” e “mexicanos estão nos EUA para trabalhar e não para estudar”. Entretanto, ela lembrava a todo momento de seu privilégio por ter contado até então com uma família brilhantemente incentivadora além de, com muita sorte, ter encontrado um orientador sensível ao preconceito na academia. Foi quando ele a presenteou com um prato decorativo rosa que trazia os seguintes dizeres “essa garota pode”. Todo esse caminho inspirador permitiu que ela construísse e lutasse por uma carreira de destaque até que ela se tornasse, hoje, professora associada em uma renomada universidade estadunidense, a Swarthmore College.

Atualmente ela acumula contribuições de peso tanto na ciência quanto ‘na luta contra o sistema’, auxiliando em movimentos para abrir portas para outras mulheres. A participação neste livro, desta forma, abrilhanta ainda mais sua consciência de transmitir representatividade e abrir caminho para outras mulheres que não tiveram tanta sorte como ela. Itzue finaliza seu relato com palavras emocionadas, um momento em que qualquer leitor atento e sensível verterá lágrimas (pág. 270): “Os sapos são o que amo e sou grata por todos os lugares que eles têm me levado e vão me levar. Mas só consigo suportar a

jornada graças à dor, ao amor, à admiração e à resiliência que ficaram cravados em minha alma”.

Através de uma das mais belas e entusiasmadas narrativas, a última editora do livro, descreve a oportunidade que a profissão trás de estar sempre em contato com a natureza e suas belezas (pág. 132). Sinlan Poo (Sheila), passou sua infância em uma região periférica da capital de Taiwan, onde teve a oportunidade de vivenciar diversos encontros com a herpetofauna. Ela explica que tais encontros, não necessariamente trouxeram à tona seu interesse pelos sapos como objeto de estudo, mas que, talvez, olhando para trás, acredita que tudo tenha sido uma sorte do destino, uma vez que permitiu, mais tarde, que ela lidasse com os sapos com menos estranheza. Desde cedo sabia que se interessava por história e biologia, mas Sinlan não encontrava muitas opções de estudo universitário em seu país, já que, por lá, o currículo é bastante limitado para mulheres. Diante desta barreira, se aventurou, por conta própria, a estudar na Boston University nos EUA.

Os desafios foram enormes em um país estrangeiro, a começar pelas visões de mundo ocidentais, contraditórias com a visão oriental que fez parte de sua formação. As dificuldades de compreensão se somavam também por ter que lidar com toda a diferença cultural através de sua segunda língua. Assim, por con-

siderar a Biologia uma ciência mais objetiva, abandonou de vez a história durante a graduação em Boston. Logo no início, Sheila começou a se interessar por ecologia tropical, influenciada por um entusiasmado professor da faculdade que desenvolvia um programa de estudos na região neotropical. Mas, não é por menos que, depois de observar uma foto da espécie *Agalychnis callidryas* (Cope, 1862), a maravilhosa perereca de olhos vermelhos, iniciou sua pesquisa com anuros. Ela se entusiasmou ao saber que aquela era a perereca mais fotografada do mundo e que havia um laboratório procurando por quem se candidatasse a estudá-la. Assim, iniciou um projeto de pesquisa como graduanda na Smithsonian Tropical Research Institute's Facilities, em Gamboa, localizada no Canal do Panamá. A partir de então, iniciou seus estudos de história natural com a perereca de olhos vermelhos, ficando maravilhada com o desenvolvimento dos seus ovos e o comportamento da espécie. Logo percebeu que se sentia muito bem em florestas tropicais e seus corpos d'água, enquanto vagava pelas margens dos riachos em buscas de ovos e casais em amplexo, ou aguardando as inúmeras chuvas tropicais passarem. Trabalhou em seguida com diversas espécies de anuros em outros ambientes, como na Califórnia e no sudeste dos EUA e nas florestas de dipterocarpos da Tailândia. Assim, Sinlan acumulou muitas horas em campo, observando coisas

inesperadas e interessantíssimas, se tornando cada vez mais encantada por cada detalhe de criaturas minúsculas se metamorfoseando, mesmo diante da exaustão física. Observou paisagens maravilhosas em meio a muito trabalho e exaustão, junto com colegas sempre entusiasmados e contentes, observando o pôr do sol à espera da primeira vocalização da noite. Assim, como muitos de nossa carreira, Sheila passou os últimos 20 anos viajando de continente em continente, país em país, atrás de oportunidades de pesquisas e anfíbios. Descreve que a necessidade de estar sempre em movimento lhe deixa a sensação de solidão, mas que, ao mesmo tempo, há uma sensação de constância ao observar os sapos com os quais trabalhou. Talvez por este motivo, o modo como ela descreve a sensação de estar em campo seja a mais comovente que nós já tivemos a oportunidade de ler, fazendo mais uma vez valer nosso debruçar sobre o livro (pag. 136): “Há um momento particular nos brejos, alguns minutos antes do amanhecer, em que todas as rãs ao redor da lagoa se juntam para uma espécie de último coro. É barulhento e caótico, aumentando de intensidade à medida que diferentes espécies, que normalmente não cantam ao mesmo tempo, se juntam. E então, de repente, tudo pára. Segue-se um único e dramático momento de silêncio que antecede os primeiros raios de luz que se espalham pelo lago, e depois o silêncio é quebrado pelo canto distan-

te dos pássaros. Emana uma sensação etérea de paz, passageira, mas preciosa, que permite respirar em meio ao caos da vida.” Sinlan Poo é hoje curadora de pesquisa no Zoológico de Memphis e pesquisadora adjunta no Arkansas State University, nos EUA;

Mensagem Final

Produzir a resenha sobre o livro GWH representa para nós uma oportunidade de, finalmente, pensar na nossa história na herpetologia a partir de uma perspectiva pessoal. Durante a leitura nos identificamos diversas vezes com muitas das situações vividas pelas colaboradoras e pelas editoras. Nós somos duas herpetólogas em diferentes estágios de contribuição para a ciência, mas, igualmente, entendemos os desafios que elas enfrentaram. Afinal, infelizmente, esses dilemas perpassam todas as áreas de nossas vidas. Não é à toa que estamos emocionadas com a possibilidade de que esta contribuição possa ajudar a motivar outras mulheres a perseverarem em seus caminhos, sejam elas jovens em suas carreiras ou já com alguns anos de dedicação. Como bem enfatizado pela primeira editora do livro Umilaela Ariffin “Apenas explore e corra riscos” (pág. 87). Esse é um sentimento comum que dividimos e desejamos passar para outras meninas e mulheres na ciência, afinal de contas não podemos ter medo daquilo que ainda não sabemos que iremos encontrar pelo caminho.

Referências bibliográficas

Fei L., Hu S.Q., Ye C.Y., Huang Y.Z. 2006. Fauna Sinica Amphibia (Vol. 1). Science Press, Beijing.

Fei L., Hu S.Q., Ye C.Y., Huang Y.Z. 2009a. Fauna Sinica Amphibia (Vol. 2). Science Press, Beijing.

Fei L., Hu S.Q., Ye C.Y., Huang Y.Z. 2009b. Fauna Sinica Amphibia (Vol. 3). Science Press, Beijing.

LIB (Leibniz Institute for the Analysis of Biodiversity Chang), 2023. Women in Herpetology – 50 stories from around the world. Disponível em: <https://leibniz-lib.de/en/women-in-herpetology/>, acesso em 15 de janeiro de 2024.

Editor: José P. Pombal Jr

Instruções para Autores

Para informações sob preparação e submissão de manuscritos entre em contato com os editores gerais.

email de contato *edgeral.hb@gmail.com*



Melanophryniscus cambaraensis
Dom Pedro de Alcântara-RS
@ Natalia D. Vargas